

# BULLYING nas escolas: qual deve ser o nosso papel?



**Bullying.** Sem dúvida, você já deve ter ouvido essa palavra em algum lugar. Especialmente nos últimos anos, em que os meios de comunicação têm abordado com frequência esse assunto. Mas você sabe realmente o que isso significa? Que consequências este fenômeno pode acarretar? E qual deve ser o papel do Profissional de Educação Física no combate ao *bullying*? Para responder a essas e outras questões, a Revista EF foi a campo e conversou com especialistas no assunto.

São quase sete horas da manhã. O estudante X. corre para chegar a tempo na aula. No caminho, um grupo de colegas de turma o cerca e, sem motivo aparente, começa a espancar o aluno. Aproveitando-se da superioridade física, ofendem-no com palavras grosseiras e de baixo calão. Cabisbaixo, X. recolhe o seu material escolar e, com medo e muitas dores, segue até a sala de aula, sem procurar professor algum, nem mesmo outros funcionários da escola para relatar o caso e pedir a punição dos estudantes.

O relato acima é fictício. No entanto, certamente você já pode ter passado por isso ou, pelo menos, conhece alguém que tenha sido vítima. Tempos atrás, isso era conhecido como uma impicância, ou um maltrato qualquer, sempre existente em instituições de ensino.

“O *bullying* nada mais é do que a mesma prática de décadas atrás. Só que, naquela época, não se estu-

dava isso, nem sabíamos o mal que poderia ocasionar. Hoje em dia esse fenômeno tem nome, e como prevenir”, afirma o médico pediatra Dr. Lauro Monteiro Filho.

Em 2002, a Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia), entidade fundada pelo Dr. Lauro Monteiro, fez um levantamento com cerca de cinco mil alunos de escolas públicas e privadas do Rio de Janeiro. Na época, a pesquisa apontou que 35% dos alunos sofriam ou já haviam sofrido *bullying*. Este trabalho foi considerado um dos primeiros a ser feitos no Brasil acerca do assunto.

“A pesquisa foi o passo inicial. Em seguida, foram realizados encontros com professores da rede escolar pública e privada do estado do Rio de Janeiro”, afirma o médico, ressaltando a importância deste trabalho para a disseminação do tema na sociedade. “A partir daí, a mídia passou a se interessar mais pelo assunto”.

## Afinal, o que é *bullying*?

Considerado um fenômeno mundial, o *bullying* é um termo inglês utilizado para descrever atos de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos, praticados por um único indivíduo ou por um grupo. Além de instituições de ensino, ele pode ocorrer em universidades, no trabalho, na vizinhança, dentre outros locais.

Nas escolas, geralmente ocorre em áreas com supervisão adulta mínima ou inexistente. De acordo com a médica psiquiatra Dra. Ana Beatriz Barbosa, autora do livro "*Bullying: Mentis Perigosas nas Escolas*", tais atos de violência não apresentam motivações específicas ou justificáveis.

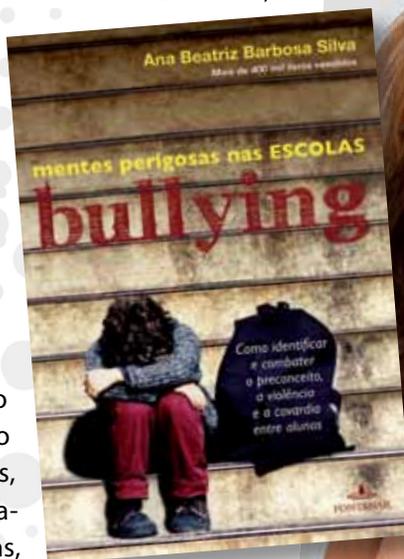
"Em última instância significa dizer que, de forma natural, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas", afirma.

Segundo a escritora, as consequências são as mais variadas possíveis e dependem muito de cada indivíduo, da sua estrutura, vivências, pré-disposição genética, da forma e intensidade das agressões. "No entanto, todas as vítimas, sem exceção, sofrem com os ataques de *bullying*, em maior ou menor proporção. Muitas levarão marcas profundas provenientes das agressões para a vida adulta, e necessitarão de apoio psiquiátrico e/ou psicológico para a superação do problema".

"Aquele que pratica também poderá ter consequências, levando essa agressividade para a vida adulta, para o trabalho", completa Dr. Lauro.

Outra forma de agressão que merece atenção dos pais e professores é o que os especialistas chamam de *cyberbullying*, que é o uso de e-mails ameaçadores, mensagens negativas em sites de relacionamento e torpedos com fotos e textos constrangedores via celular. Além da propagação das difamações serem instantâneas, o efeito multiplicador do sofrimento das vítimas é imensurável.

"Os praticantes dessa modalidade de perversidade também se valem do anonimato e, sem qualquer constrangimento, atingem a vítima da forma mais desprezível possível. Os traumas e consequências advindos do '*bullying* virtual' são dramáticos", explica Dra. Ana Beatriz.



## A Educação Física e o *bullying*

O *bullying* nas escolas geralmente ocorre em ambientes com pouca ou nenhuma supervisão adulta. Contudo, especialistas advertem que em disciplinas como Artes e Educação Física, onde os alunos têm mais liberdade e, conseqüentemente, contato físico, é bastante comum a propagação do fenômeno.

"As aulas de Educação Física costumam ter padrões menos rigorosos que em outras disciplinas, o que dá oportunidade para que a criança ou adolescente se mostre com mais facilidade", observa a psiquiatra.

Mas para quem pensa que isso é um problema, está enganado. São nestes momentos e lugares que a intervenção dos professores podem se tornar mais efetivas.

O Profissional de Educação Física Rafael Guimarães (CREF015083-G/RJ), doutorando da Universidade Autônoma de Barcelona (Espanha) e autor de um artigo científico sobre o tema, é um dos que defendem essa tese. Para ele, a Educação Física, por ser uma disciplina que apresenta em parte do seu plano curricular uma maior aproximação física entre os alunos, serve como um bom instrumento para aplicar conceitos da ética e da axiologia nas atividades desenvolvidas com os alunos.

"Propostas como *role-playing*, exercícios de dilemas morais relacionados ao esporte, são importantes ferramentas para prevenir e combater o *bullying*", sugere o profissional. "Outro relevante recurso seria a elaboração de uma ficha com o objetivo de identificar e registrar possíveis manifestações de *bullying* geradas no âmbito das atividades de Educação Física".

Algo parecido já ocorre no Centro de Ensino 619 de Samambaia, no Distrito Federal. A direção da instituição é composta por três profissionais de Educação Física, que, após um árduo e reconhecido trabalho, conseguiram diminuir significativamente a violência na escola através de ações nas aulas de Educação Física – o caso ganhou, inclusive, divulgação na **Revista EF** nº 35 (março/2010).

"Temos na escola uma proposta que chamamos de avaliação formativa, que identifica melhorias nas ações comportamentais dos alunos. Diariamente, são feitas anotações por parte do corpo docente. Ao final do bimestre temos as ações analisadas e podemos ver se de fato a melhora aconteceu", relata o Prof. Rogério Bertoldo (CREF 002924-G/DF), um dos integrantes da direção. "O Profissional de Educação Física deve se fazer presente na escola, propondo atividades que sejam compatíveis com as características dos alunos, melhorando a autoestima deles".



"O Profissional de Educação Física tem muito a contribuir com os outros professores, pois é o único docente que está presente em todas as etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental"



A experiência na direção da escola fez com que o Prof. Rogério adquirisse outra visão do problema. Em contrapartida, o profissional passou a entender qual deve ser a postura da escola para combater o problema.

“Cabe à direção unir forças no sentido de buscar alternativas para o *bullying*; nas reuniões de pais, informá-los e sensibilizá-los quanto ao problema; discutir nas coordenações com os professores e auxiliares em educação; e solicitar ao serviço de orientação educacional que apresente um plano de trabalho com possíveis estratégias de combate ao problema”.

## Quanto antes, melhor

Em um ponto todos os especialistas foram unânimes: quanto mais cedo o problema for enfrentado, melhores os resultados futuros. Portanto, as estratégias de combate ao *bullying* devem fazer parte do processo pedagógico desde a Educação Infantil. “A infância é caracterizada por um período onde as atividades corporais adquirem maior destaque. Nesta fase há a necessidade da vivência do concreto para a compreensão do mundo, para a formação de conceitos e aquisição de atitudes e valores que influenciarão o seu modo de ser e participar do meio social. Portanto, este momento e estas características são ideais para que se observe a ocorrência e se inicie o combate ao *bullying*”, afirma o professor da Universidade Estadual do Ceará e conselheiro do CONFEF, Ricardo Catunda (CREF 000001-G/CE).

Segundo o profissional, antes de tudo deve-se conhecer e se informar a fundo sobre o fenômeno *bullying*. Desse modo, será possível estar atento às diferentes formas de manifestação. Além disso, defende o Prof. Catunda, é preciso assumir-se como educador, tendo claro entendimento sobre a importância dessa função. “Ao estar na escola, a missão do professor é ensinar bem para a formação humana e cidadã. No desenvolvimento de seus conteúdos, é preciso utilizar metodologias que estimulem relacionamentos interpessoais positivos, habilidades sociais para o favorecimento de uma boa autoestima e os valores presentes no esporte com ênfase no lúdico”.

## Sim, a responsabilidade também é nossa!

Apesar dos profissionais de Educação Física, nos dias atuais, estarem mais atentos ao *bullying*, ainda é possível se deparar com algumas ações dos próprios professores que, de certa forma, acabam agravando o problema nas escolas. Um exemplo disso é quando, durante a prática de atividades físicas, os menos hábeis ou mais frágeis são deixados de lado. Ou então, ao tentar uma “inclusão forçada”, a culpa por uma possível derrota em um jogo pode fazer com que o aluno seja ridicularizado pelos colegas posteriormente. É preciso estar atento a todas essas práticas durante as aulas.

Se formos estudar este fenômeno a fundo, vamos perceber que o papel e a importância do Profissional de Educação Física são essenciais em todo este processo, desde a identificação à definição das estratégias de combate ao *bullying*. Neste contexto, o Prof. Rafael Guimarães faz uma observação interessante:

“O Profissional de Educação Física tem muito a contribuir com os outros professores, pois é o único docente que está presente em todas as etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental”.

E uma das inspirações para combater o *bullying* nas escolas, nos clubes, em condomínios ou em outros ambientes é aproveitar a oportunidade do tsunami esportivo presente no Brasil e a propagação do esporte para inserir, adotar e implementar a Educação Olímpica nas políticas públicas, projetos governamentais e programas pedagógicos. A motivação dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos 2016, presente na mídia e na população brasileira, e a Educação Olímpica, calcada no *fair play*, na busca da excelência, no pluriculturalismo e no tema “grupo, mente e espírito” vai contribuir para a reflexão e adoção de posturas éticas das crianças e jovens. “Um farto programa, focando na Educação Olímpica e nos Valores do Olimpismo, deveria ser introduzido em todas as escolas e ambientes onde as crianças estiverem sendo iniciadas no esporte”, defende o vice-presidente da Academia Olímpica Brasileira (AOB), Prof. Bernard Rajzman.

Portanto, como “educadores”, a responsabilidade no combate ao *bullying*, sem dúvida, também é nossa!